



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MARILIA GABRIELA DO NASCIMENTO DOMINGOS LIRA

**HELOÍSA E AS FACES DO FEMININO NO MEDIEVO (SÉCULO XII): UMA
LEITURA A PARTIR DO FILME “EM NOME DE DEUS” (*STEALING HEAVEN*,
1988)**

GUARABIRA – PB

2022

MARILIA GABRIELA DO NASCIMENTO DOMINGOS LIRA

**HELOÍSA E AS FACES DO FEMININO NO MEDIEVO (SÉCULO XII): UMA
LEITURA A PARTIR DO FILME “EM NOME DE DEUS” (*STEALING HEAVEN*,
1988)**

Trabalho de conclusão de curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

Área de concentração: História das mulheres.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alômia Abrantes da Silva

GUARABIRA – PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L586h Lira, Marília Gabriela do Nascimento Domingos.
Heloísa e as faces do feminino no medievo (século XII)
[manuscrito] : uma leitura a partir do filme "Em nome de Deus"
(Stealing Heaven, 1988) / Marília Gabriela do Nascimento
Domingos Lira. - 2022.
30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Alômia Abrantes da Silva ,
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Heloísa de Argenteuil. 2. Mulheres. 3. Patriarcado. I.
Título

21. ed. CDD 305.4

MARILIA GABRIELA DO NASCIMENTO DOMINGOS LIRA

**HELOÍSA E AS FACES DO FEMININO NO MEDIEVO (SÉCULO XII): UMA LEITURA
A PARTIR DO FILME “EM NOME DE DEUS” (STEALING HEAVEN, 1988)**

Trabalho de conclusão de curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

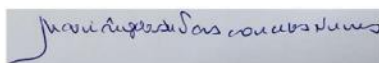
Área de concentração: História das mulheres.

Aprovada em: 30/03/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Alômia Abrantes (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Mariângela de Vasconcelos Nunes (1º Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Manuela Aguiar Damião de Araújo (2º Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esta pesquisa a minha mãe, a minha avó e ao meu marido por todo o amor e carinho que tenho por eles.

Não é possível entender a história das mulheres sem avaliar o peso daquele olhar, que estabeleceu modelos ideais de mulher e regras de comportamento a serem seguidas.

(José Rivair Macedo, 2002)

AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha trajetória na graduação de História, vivenciei muitos momentos incríveis e desafiadores, conheci pessoas maravilhosas as quais compartilhei inúmeras experiências felizes e também tristes, adquiri grandes conhecimentos e consegui enfrentar alguns obstáculos que surgiram.

Agradeço primordialmente a Deus por ter me ajudado em cada passo trilhado na universidade, pois sem ele nada seria possível, a minha mãe Josefa do Nascimento Domingos, por sempre está ao meu lado me impulsionando a seguir os meus objetivos.

Ao meu amado esposo, Cleiton da Silva Duarte Lira Nascimento, por me apoiar em todas as situações, principalmente nas mais difíceis e pelas demonstrações de companheirismo.

A querida amiga Luciene Oliveira da Silva pelas nossas ótimas conversas ao longo de diversos momentos, e pelos seus grandes incentivos que me ajudam tanto.

As amigas e amigos que estiveram comigo em cada percurso da licenciatura os quais tenho imenso carinho e admiração, que são eles: Aparecida Costa dos Santos, Ingrid Cruz de Souza, Luana da Silva Moreira, Josias Santos da Silva e João Maique Bezerra Roseno.

As professoras e aos professores que tive a honra de conhecê-los, em especial, as professoras (os): Alômia Abrantes da Silva, Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega, Manuela Aguiar Damião de Araújo, Cristiano Luís Christillino, Carlos Adriano Ferreira de Lima e Durval Muniz de Albuquerque Júnior, por cada ensinamento compartilhado e pelos aprendizados que adquiri.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 Introdução | 11 |
| 2 Aspectos da relação cinema e história | 12 |
| 3 Pontos sobre a história das mulheres e o patriarcado..... | 13 |
| 5 Maneiras de amar na idade média e Heloísa como a “mulherque muito ama” | 20 |
| 6 A religiosidade das mulheres no medievo e o “destino” de Heloísa..... | 25 |
| Considerações finais | 29 |
| Referências | 30 |

RESUMO

Este artigo analisa aspectos da construção histórica e ficcional de Heloísa de Argenteuil (1090-1164), a partir do filme *Em nome de Deus* (*Stealing Heaven*), lançado no ano de 1988, dirigido por Clive Donner. Através da narrativa da famosa história de amor de Abelardo e Heloísa, o filme em questão confere a esta um protagonismo, destacando a representatividade da mesma em Paris no século XII. Nesta narrativa, identificamos três aspectos ou faces de Heloísa, que a nosso ver também representam aspectos importantes das vivências e ideias traçados para as mulheres no medievo: a sua intelectualidade, o amor, os embates da sua vida religiosa, os quais procuramos explorar em diálogo com a historiografia. Compreendemos que tais aspectos são constituídos pelos valores culturais da época, em especial pelas suas bases patriarcais, e pelas sensibilidades da contemporaneidade para as quais o filme se dirige, onde as desigualdades entre homens e mulheres persistem. Para tanto, procuramos pensar a relação história e cinema, bem como explorar uma escrita da história das mulheres na Idade Média, tendo como aporte uma produção historiográfica especializada sobre o contexto medieval e as mulheres, a exemplo de Georges Duby (2011), Jacques Le Goff (2006), José Rivair Macedo (2002), Michelle Perrot (2007), Gerda Lerner (2019), entre outros/as. Neste exercício de leitura, consideramos aproximações importantes entre a narrativa historiográfica e a fílmica, para as quais Heloísa se constitui como transgressora, como uma mulher que, dentro dos limites impostos por seu contexto, provocou e resistiu ao patriarcado.

Palavras-Chave: Heloísa de Argenteuil; Mulheres; Patriarcado.

ABSTRACT

This article analyze aspects of Heloisa Argenteuil's (1090-1164) historic and sci-fi construction, by means of movie *In Name God* (*Stealing Heaven*), was launch on year 1988, directed to Clive Donner. In order to narrative history famous from love of Abelardo and Heloísa, the movie in issue check this a protagonism, highlighting representativity of this in Paris in the 12th century. In this narrative, we identify aspects three or Heloise's face, what in our opinion also represent main aspects of the experiences and thought traceds for the womens in the medievo: your intellectuality, love, clashes of your religious life, whom we seek explore it in conversation with the historiography. Thus, we understand what such aspects are constituted by values cultural of season, in particular for yours patriarchal base, and to sensitivities of contemporaneity for whom the movie if drive, where inequalities between man and women persist. For this purpose, we seek to mind the history and cinema, as well as explore a write of history of the women on Middle Ages, having as aid a historiographical production about medieval context, we used author as: Georges Duby (2011), Jacques Le Goff (2006), José Rivair Macedo (2002), Michelle Perrot (2007), Gerda Lerner (2019), among others. This exercise of reading, we look at main approach between the historiographical narrative and the filmic, for whom Heloise if constitute as transgressor, as a women whit, inside of the tax limit by your context, caused and resisted on patriarchate.

Keywords: Heloise of Agenteuil; women; patriarchate.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 01 – Conversa no convento aparece no tempo de 06min e 53s | 17 |
| Figura 02 – Aula de Heloisa com o professor Abelardo aparece no tempo de 38min e 27s | 18 |
| Figura 03 – O Tio da personagem Heloisa aparece no tempo de 16min e 33s | 20 |
| Figura 04 – A personagem Heloisa aparece no tempo de 16min e 39s | 20 |
| Figura 05 – O encontro de Heloisa e Abelardo aparece no tempo de 22min e 34s | 22 |
| Figura 06 – A descoberta de Heloisa aparece no tempo de 01h10min | 23 |
| Figura 07 – O questionamento de Heloisa aparece no tempo de 01h18min | 24 |
| Figura 08 – A resposta de Abelardo aparece no tempo de 01h18min..... | 24 |
| Figura 09 – Pergunta de Heloisa aparece no tempo de 01h38min | 26 |
| Figura 10 – Resposta de Abelardo aparece no tempo de 01h38min | 26 |
| Figura 11 – Heloisa tornando-se freira aparece no tempo de 01h41min | 27 |
| Figura 12 – A visita do clérigo Suger ao convento aparece no tempo de 01h42min..... | 28 |

1 INTRODUÇÃO

Na Idade Média, assim como observado em outros períodos históricos, o feminino é comumente percebido como aquele que vem depois do gênero masculino, tendo-se a figura do homem no centro da sociedade, e a imagem da mulher como a que deve ser vista socialmente em segundo plano, deixando expressa a ideia de inferioridade feminina. Com tal característica, isto reverbera de muitas maneiras na sociedade, como por exemplo, na divisão de funções e trabalho, estando às mulheres destinadas por excelência a cuidar das atividades domésticas, do marido e dos filhos, uma vez que aos homens, na condição de chefes de família, reservavam-se as atividades exercidas em âmbito público, aquelas consideradas de maior prestígio e poder.

Procurando compreender aspectos que historicamente constituíram esta condição de subordinação das mulheres no Ocidente, voltamos nosso olhar aqui para a sociedade medieval, considerando suas características patriarcais, que tiveram na expansão do cristianismo, junto à atuação da Igreja que ali se fortalecia, sua consolidação. Mas, propomos fazer isso através de um diálogo com a contemporaneidade, de uma leitura das imagens criadas sobre a vida e condição social das mulheres no medievo, através da representação cinematográfica de uma personagem histórica, Heloísa de Argenteuil (1090-1164), conhecida como uma intelectual medieval, escritora das famosas cartas que escreveu para Pedro Abelardo (1079-1142), com quem se relacionou amorosamente sem estarem casados e teve um filho, afrontando muitas das normas instituídas em seu contexto, destacando-se também por ser uma dama da sociedade medieval fator esse que faz com que ela seja uma mulher letrada.

No caso, escolhemos para objeto de nossa análise, aspectos da construção da imagem da personagem Heloísa no filme *Stealing heaven*, intitulado no Brasil como *Em nome de Deus*, dirigido pelo cineasta Cliver Donner, lançado no ano de 1988 e tendo como roteirista Chris Bryant. Sendo uma obra ficcional, este filme, entretanto, inspira-se em fatos históricos, ambientando-se mais especificamente na França do século XII, narrando a conhecida história de amor de Abelardo e Heloísa, interpretados no filme pela atriz Kim Tompson e pelo ator Derek Lint. Assim, a escolha desta temática se justifica por meio de um marcante protagonismo de Heloísa, enquanto uma mulher transgressora naquele contexto, que vai de encontro às normas e valores patriarcais existentes, questionando as convenções que a impediram de viver livremente seu romance com Abelardo. Procuramos então identificar e analisar aspectos dessa narrativa audiovisual que, pelo seu caráter instituidor de uma visão sobre o passado, nos faz perguntar sobre quais prismas essa personagem é (re) criada e

apresentada à contemporaneidade.

Para o desenvolvimento da nossa temática, iniciaremos por pontuar algumas questões relevantes quanto à relação Cinema e História, seguidas de algumas reflexões sobre História das mulheres e questões sobre o patriarcado, importantes para nos situar teórico-metodologicamente, para depois passarmos à abordagem do filme propriamente, considerando o que chamamos dos quatro principais aspectos ou faces da construção da imagem de Heloísa, pensadas também como representações do feminino naquele contexto: a representação de uma mulher intelectual no medievo, modos de amar na Idade Média e o amor entre Heloísa e Abelardo, e a vida de Heloísa como religiosa.

2 ASPECTOS DA RELAÇÃO CINEMA E HISTÓRIA

Sabemos que a relação Cinema e História tem bastante proximidade desde a produção dos primeiros filmes por volta do início do século XX. Como destaca Barros (2017), para além do fato de que o Cinema, enquanto forma de expressão contemporânea, fornece fontes para os estudos históricos sobre a própria época em que foi e está sendo produzido. Além disso, outro aspecto desta relação pode aparecer através da dimensão do Cinema como representação. À vista disso, registra o autor:

O Cinema não é apenas uma forma de expressão cultural, mas também um meio de representação. Através de um filme representa-se algo, seja uma realidade percebida e interpretada, ou seja, um mundo imaginário livremente criado pelos autores de um filme. Para o âmbito das relações entre Cinema e História, interessa particularmente a possibilidade de a obra cinematográfica funcionar como meio de representação ou como veículo interpretante de realidades históricas específicas, ou, ainda, como linguagem que se abre livremente para a imaginação histórica. (BARROS, 2017, p. 2).

Pensando as representações da Idade Média no Cinema, Oliveira e Freitas Filho (2017) nos lembram do grande interesse de produtores pelo tema, que comumente tendem a representar imagens do período, influenciadas pela visão Iluminista de uma idade das trevas, e/ou do Romantismo, com sua vasta produção literária sobre o período no século XIX, caracterizada pelo interesse e a busca pelas raízes nacionais, bem como uma certa visão folclórica do medievo.

Para além dessas questões, esses autores escrevem ainda, a partir de ideias elaboradas por Macedo e Mongelli (apud OLIVEIRA; FREITAS FILHO, 2017) que muito do que faz o Cinema em relação aos temas medievais, relaciona-se a uma memória do senso comum que se encontra dividida em duas formas de apropriação: reminiscências e medievalidade. Esta divisão de formas se refere às categorias que encontramos inseridas nas produções

cinematográficas, sendo que as reminiscências se referem às apropriações daquilo que esteve presente e os vestígios deixados daquela temporalidade, enquanto que a medievalidade condiz apenas às referências à Idade Média; muitas vezes estereotipadas, produzindo algo que pode ser muito fantasioso e mesmo inexistente no período.

Compreendemos o filme *Em Nome de Deus*, como pertencente à categoria dos filmes históricos, entendidos aqui, como dispõe Barros (2017, p. 2), como os que “[...] buscam representar ou estetizar eventos ou processos históricos conhecidos, e que incluem entre outras as categorias dos filmes épicos e também dos filmes históricos que apresentam uma versão romanceada de eventos ou vidas de personagens históricos”. Porém, não deixamos de compreendê-lo também sob o caráter da “medievalidade”, como acima definido, visto que mesmo os filmes que utilizam traços históricos, “[...] ainda estão inseridos no mercado de cultura de massa e, portanto, vão atender ao que o mercado e a linguagem cinematográfica pedem e não irão se preocupar com todos os atributos factuais”. (OLIVEIRA; FREITAS FILHO, 2017, p. 145).

3 PONTOS SOBRE A HISTÓRIA DAS MULHERES E O PATRIARCADO

Para nossa discussão, é indispensável um diálogo com a história e a historiografia sobre as mulheres, mas propriamente sobre as mulheres na Idade Média. De início, é importante situar que, como nos explica Perrot (2007), o advento da história das mulheres deu-se na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos nos anos 1960, e na França na década seguinte. Fatores de caráter científicos, sociológicos e políticos, concorreram para a emergência do objeto “mulher” nas ciências humanas e na história em particular, sendo com o tempo pluralizado mediante as necessidades de se pensar as diversidades que marcam as existências das mulheres nos diferentes espaços e tempos históricos – classe, etnia, sexualidade, etc.

Na esteira desta discussão, Perrot (2007, p. 21) nos coloca como o desafio que envolve as “[...] fontes, documentos, vestígios” sobre as mulheres, em diferentes contextos, causam grandes lacunas na produção de um conhecimento histórico sobre estas, visto que lidamos com falta de registros ou mesmo com a destruição de vestígios, enquanto reflexos de sociedades para as quais as mulheres não eram consideradas sujeitos da história, nem merecedoras de memória: “[...] no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra” (PERROT, 2007, p. 22).

Discutindo sobre as representações históricas das mulheres medievais, Leite (1999) destaca o olhar e contribuição historiográficos para este campo de Georges Duby, que chegou a reconhecer o seu atraso em relação à pesquisa sobre as mulheres na Idade Média,

justificando-o “[...] pela escassez de uma documentação específica relativa ao elemento feminino.” (p. 40). Duby, por sua vez, comenta que os depoimentos disponíveis eram em sua maioria distorcidos e falseados, ou seja, “[...] são sempre os homens que falam delas.” (DUBY apud LEITE, 1999, p. 40), registrando ainda que muitos destes homens eram padres e monges.

Apesar dessa problemática com as fontes, Duby deu forma a três das suas obras, que marcam sua contribuição para uma história das mulheres medievais: *O cavaleiro, a mulher e o padre* (1988); *Idade Média, Idade dos Homens* (2011); e *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII* (1995), que foram escritas entre as décadas de 1980 e 1990. Esta última, por sua vez, nos fornece uma visão sobre Heloísa, certamente uma das mais conhecidas e estudadas damas do século XII.

Sem dúvidas, tais obras se somaram e instigaram outros importantes esforços para diminuir as lacunas sobre as mulheres daquele período. Além dessas, relevante também será a obra da historiadora Règine Pernoud, especialmente em suas abordagens sobre Joana d’Arc e sua importante pesquisa sobre *A Mulher nos tempos das Cruzadas* (1990).

Estes trabalhos, decerto, influenciaram o interesse de pesquisadoras/res brasileiras/os sobre esta temática, e destacamos na década de 1990, o livro de Macedo (2002) sobre *A Mulher na Idade Média*, apresentando a estudantes e leitores, um catálogo geral sobre as principais fontes e questões tratadas até então por esta historiografia. Observamos, a despeito de todas as dificuldades, um crescimento exponencial destas abordagens no século XXI, favorecidas por traduções de documentos, disponibilização digital e, claro, maior legitimidade do campo de pesquisa, quer sobre as mulheres, quer sobre o gênero, nas universidades do país, em conformidade com as questões políticas e sociais articuladas.

Concernente a isso, torna-se cada vez mais significativo, trazer a história das mulheres para o debate historiográfico e para a discussão pública. Ao avançar nas pesquisas e expor esses estudos, conhecemos melhor quem foram essas mulheres, como eram as suas vivências, como inclusive resistiram e transgrediram normas em um período tão fortemente marcado pela cultura do patriarcado, impregnado por forte teor misógino. Além disso, o alargamento dessa temática, tornando mais notória as representações das mulheres relativas a esse momento histórico, permite que seja desconstruído o lugar social do masculino como o principal, se não único protagonista dos eventos dessa temporalidade.

Por conseguinte, antes de passarmos para a análise propriamente, precisamos pontuar aspectos de compreensão sobre o patriarcado, que a nosso ver é o sistema que produziu por tanto tempo o silenciamento sobre as mulheres nas fontes e na escrita histórica, como colocado por (PERROT, 2007) e, também, entra na composição das imagens fílmicas, a

representação das mulheres das diferentes épocas, especialmente no que se refere à Idade Média.

Leite (1999, p. 48), baseando-se nos depoimentos de homens que na Idade Média escreveram sobre as mulheres, defende que para “[...] elas eram em si o pecado e a morte, possuíam uma nocividade nativa, eram mentirosas e dissimuladas.” Através deste fragmento, podemos inferir o quanto as mulheres eram estereotipadas, depreciadas, o que reflete uma visão típica de uma sociedade patriarcal. Como registra a autora, Duby já observava como as características das mulheres medievais, elaboradas a partir das percepções masculinas, ficavam marcadas por aspectos misóginos, sendo tomadas por pecadoras e indutoras do pecado, como frágeis e dependentes da força e sabedoria relacionadas somente aos homens, como pérfidas, faladeiras, perigosas, etc., o que nos mostra inúmeras formas de estigmatizá-las, deixando um legado que ainda hoje é atualizado em nossa cultura.

O patriarcado, segundo Lerner (2019, p. 17), “[...] mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis.” Assim, notam-se as fortes contribuições de instituições sociais tão caras às sociedades com Estado, cujas concepções são marcadas por valores que criam e alimentam meios de oprimir as mulheres, que apesar das variabilidades na história, tem sido estruturante na cultura ocidental através dos séculos, de tal modo que vai além das hierarquias de gênero, pois como explica Safiotti (1987), o patriarcado se expande e se expressa também entre homens que oprimem outros homens, mulheres que oprimem outras mulheres e mulheres que oprimem homens, mostrando com isso várias formas de opressão que esse sistema engloba.

4 HELOISA¹¹ E A REPRESENTAÇÃO DE UMA INTELECTUALIDADE FEMININA NO SÉCULO XII

O filme *Em nome de Deus* (*Stealing heaven*) do diretor Cliver Donner e roteirizado por Chris Bryant tem 108 minutos de duração, no qual aborda inúmeras questões acerca da Idade Média no século XII, narrando a história do romance de Heloisa (Kim Tompson), Abelardo (Derek de Lint), e destacando nesta trama os personagens do tio de Heloísa, Fulbert (Denholm Elliot), o bispo, as servas Agnes (Patsy Byrne), Petronilla (Cassie Stuart), a madre reverenda (Rachel Kempson), entre outros.

Como já reportamos, no medievo, assim como em outros momentos históricos, o patriarcado era marcante, acentuado por uma moral cristã para os quais as mulheres intelectuais deveriam ser exceção, e bastante perturbador se seu senso crítico desafiasse o

¹ O nome da personagem “Heloísa” (no português brasileiro) aparece no filme *Em nome de Deus* (*Stealing Heaven*) como “Heloise”, versão na língua inglesa.

estabelecido nesta sociedade, que esperava das mulheres a submissão.

A personagem Heloísa demonstra, ao longo do filme, muitas características transgressoras, remetendo a um olhar de que a mesma é uma “mulher à frente do seu tempo”, o que se torna problemático do ponto de vista histórico, pois coloca a Idade Média como um período de estagnação e que não apresentou mulheres atuantes nas suas próprias histórias, demonstrando assim que para isso ocorrer, deveria ter um deslocamento no tempo, algo da ordem do extraordinário. No tocante a isso, Mullet (2019, [n./p.]) escreve que,

Heloísa, portanto, não era uma mulher à frente de seu tempo, ela apenas parece ter sido um acontecimento, um corte em uma temporalidade dominante, de onde se supunha que as mulheres poderiam ser objetos do pai, depois do marido e, por fim do padre, sem uma subjetividade e, sobretudo, incapazes de pensar, estudar, escrever, filosofar.

De acordo com o autor, Heloísa pode ser compreendida como uma mulher que aparece como uma ruptura num período em que era mais corrente que as mulheres seguissem um padrão condizente com a estrutura de uma cultura predominantemente patriarcal; ficando à margem de elementos que as fizessem pensantes e questionadoras. Todavia, sua existência é representativa das dinâmicas de resistência, de deslocamentos em relação aos padrões esperados que a própria sociedade também produzia.

Ao iniciar a narrativa do filme, temos acesso a uma marca deste elemento de ruptura, quando Heloísa é apresentada como uma jovem que tem a sua educação formalizada no convento, demonstrando o seu lado inquieto e questionador, tendo assim uma visão de amplitude sobre as questões que se desenrolam ao longo das cenas. Por conseguinte, pontua-se na narrativa fílmica, a rica formação de Heloísa, que demonstra fluência no latim e grego, mas, sobretudo, procura-se destacar o seu senso crítico através de perguntas ousadas e de caráter filosófico que ela faz em diferentes cenas: seja à mãe, ao bispo, ao seu tio, por exemplo, que tentam representar sua aguçada capacidade intelectual.

À vista disso, lembremos que a Heloísa histórica é uma dama da sociedade que obteve acesso à educação, sendo que ser uma mulher educada no medievo não era algo acessível a todas. No tocante a isso, existiam aquelas mulheres que se destacavam intelectualmente por mais que houvesse uma escassez nesse aspecto. Podemos perceber isso quando Pernoud ([s.d.], p. 49 apud TROCH, [S.I.], p. 3) defende que “As mulheres lêem mais do que os homens na Idade Média: leitura e escrita foram quase exclusivamente realizados por mulheres. Como agora se sabe, a maioria dos homens eram analfabetos.”

Figura 01: Conversa no convento aparece no tempo de 06min e



53s.

Fonte: Canal no Youtube de Elizabeth Pereira.

Na imagem acima, recortada do filme entre as primeiras cenas, em que Heloísa conversa com a madre reverenda do convento em que estava, ela é apresentada aos planos do seu tio Fulbert para seu futuro, que remetem às únicas opções que as mulheres medievais tinham de acordo com as convenções sociais: seguir a vida em um convento ou casar-se com um homem designado por sua família; uma visão bastante cara ao patriarcado e consoante ao padrão feminino estabelecido para as mulheres dentro da sociedade cristã medieval (MACEDO, 2002).

Referente à ida das moças para os espaços religiosos, Macedo (2002, p. 22) aponta: “Quando o valor do dote colocava em perigo a estabilidade do patrimônio familiar a fim de diminuir o número de prováveis casamentos, os pais ou chefes da casa enviavam as jovens aos mosteiros para que se tornassem freiras.” Essa informação nos faz refletir que os conventos eram uma opção mais barata para as moças que não seriam destinadas ao casamento.

No tocante ao casamento, Macedo (2002, p. 20) descreve que “O casamento era antes de tudo um pacto entre famílias. Neste ato, a mulher era ao mesmo tempo doada e recebida, como um ser passivo. Sua principal virtude, dentro e fora do casamento, deveria ser a obediência, a submissão.”

Referente à estrutura do casamento, as mulheres acabavam sendo tratadas como um objeto de troca que selava interesses familiares. Contudo, pelo que sabemos da história de amor entre Heloísa e Abelardo, tema central da representação fílmica, Heloísa ocupa um lugar de desvio, nomeadamente quando contraria os interesses do seu tio, envolvendo-se

amorosamente com um homem que não era o determinado por ele, que, aliás, pelas convenções, também lhe deveria ser um território proibido, visto que Abelardo, prestigiado professor da Universidade de Paris, havia feito votos de castidade como era de costume a muitos que praticavam este ofício.

Antes, porém, de olhar mais de perto para a questão do amor, do casamento e da representação de Heloisa, queremos demarcar os traços da personagem construída como uma mulher inteligente, crítica, audaciosa em seus pensamentos, sendo estes os elementos que a aproximam de Abelardo e que o fazem admirá-la, tornando-se seu mentor.

Lembremos com Le Goff (2006, p. 59), que Pedro Abelardo, considerado uma “glória do meio parisiense”, foi a primeira grande figura de intelectual que se pode considerar moderno – nos limites da modernidade do século XII. De acordo com este autor, percebemos que Abelardo tem um forte destaque no campo educacional, demonstrando ser um intelectual que traz avanços à Paris, conhecido como o primeiro professor a adotar o método dialético no século XII. No filme, isso se representa quando o personagem é enfatizado como um professor de muito prestígio no meio clerical, sempre rodeado de estudantes e admiradores, bem como atraindo invejosos dos seus talentos e prestígio, como o próprio bispo.

É, pois, sobretudo nos diálogos e debates sobre interpretações de textos, ou sobre concepções da vida, travadas com Abelardo em várias cenas, que o filme constrói a imagem de uma mulher que não podia ser considerada uma intelectual em seu tempo, no sentido estrito, tendo menos estudo que seu professor e futuro amante, discutindo com ele em pé de igualdade, questionando e lançando desafios intelectuais a Abelardo.

Figura 02: Aula de Heloisa com o professor Abelardo aparece no tempo de 38min e 27s.



Fonte: Canal no Youtube de Elizabeth Pereira.

Heloísa, quando passa a ter Abelardo como seu tutor, para continuar os estudos, demonstra o seu interesse pela leitura, quando este a pergunta quais são os tipos de leituras que a interessam, ela responde que são: “Filosofia, Ciência, Matemática, Astronomia e

Teologia”, nos apresentando, com isso, seu repertório de conhecimento e interesse, desconstruindo mais uma vez o contexto de que o conhecimento era prerrogativa exclusiva dos homens. Especificamente na cena do filme referente à imagem acima, na qual retrata a aula de Heloísa com o professor Abelardo, em que eles estão discutindo acerca dos estudos bíblicos, a personagem faz uma crítica contundente à forma de interpretação defendida por ele.

Sabe-se, portanto, que muito desta capacidade intelectual atribuída à Heloísa vem do teor das cartas que ela escreveu para Abelardo, nas quais questionava valores daquela sociedade, em especial os que se tornaram obstáculos à plena realização do amor de ambos. Patricia Rangel (2010, p.79) reforça que “[...] em uma época em que as pessoas permaneciam indiferentes ao estudo e nem os homens tinham coragem de perseguir a sabedoria, Heloísa superou quase todos os indivíduos de seu tempo e se dedicou à lógica, à física e à filosofia”. À vista disso, o fragmento demonstra, citando o testemunho de Pedro, o Venerável, abade de *Cluny*, que escreve para Heloísa após a morte de Abelardo, de que antes mesmo do envolvimento entre eles, e das suas vivências no convento dedicando-se aos estudos dos Evangelhos, a jovem Heloísa já era um nome conhecido pelos seus feitos como estudante dedicada:

Eu mal acabava de transpor os limites da adolescência, e não era nem mesmo jovem, quando tomei conhecimento da reputação, não ainda de tua vida religiosa, mas de teus nobres e louváveis estudos. Ouvia-se então falar dessa extraordinária raridade: uma mulher ainda envolvida nos laços do século e que se entregava, entretanto completamente aos estudos das Letras e da Sabedoria sem que nada, nem os desejos do mundo, sem suas vaidades, nem seus prazeres, pudesse desviá-la do louvável designo de aprender as Artes Liberais. (PEDRO, apud RANGEL, 2010, p. 79).

Esta notoriedade da jovem Heloísa em uma dimensão mais ampla não é retratada no filme. Importante observar, sobretudo, que ainda que Heloísa represente uma ruptura em um mundo que restringia tal expressão às mulheres, não figura como única, podemos lembrar, por exemplo, de Marie de France, que como registra Macedo (2002, p. 90), que “Maria de França, assim como a maioria das poetisas, pertencia à nobreza. Compôs vários lais, fábulas e uma narração da viagem de São Patrício ao purgatório, o Espurgatoire Seint Patriz.” Ainda no medievo, destacavam-se as cartas das abadessas Edburg, Eangyth, Bugga e Lioba, apresentando conhecimentos religiosos, literatura cristã e outros aspectos, tais como escreve Deplagne (2019, p. 33): “Através da análise das cartas, as pesquisadoras atestam o alto grau de conhecimento das religiosas, versadas em retórica, literatura cristã, e mesmo arte poética,

como é o caso de Lioba.”

Na narrativa fílmica, outros momentos destacam a astúcia de Heloísa ao criticar posturas masculinas, como o faz com seu tio Fulbert, questionando-o acerca do comércio de relíquias. Seus argumentos “flagram” o tio mentindo acerca da veracidade das relíquias e, portanto, confrontando-o também em matéria de fé.

Figura 03: O Tio da personagem Heloisa aparece no tempo de 16min e 33s



Fonte: Canal no Youtube de Elizabeth Pereira.

Figura 04: A personagem Heloisa aparece no tempo de 16min e 39s



Fonte: Canal no Youtube de Elizabeth Pereira.

Este contexto é retratado nas cenas das imagens acima, sobretudo acerca da ênfase ao posicionamento ético e crítico de Heloísa, assim como enunciando através da postura do tio, a hipocrisia e desvios de conduta de quem, entretanto, irá adiante julgar a ela e a Abelardo e puni-los por afrontarem a sua autoridade e domínio.

Isso nos faz pensar sobre o alto custo cobrado das mulheres que quebravam o silêncio a elas impostos. Michelle Perrot (2007, p. 17) nos aponta que “Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila.” Heloísa não deixou Paris e nem a França tranquilas, tanto por seu brilhantismo intelectual, quanto por seu modo de amar Pedro Abelardo, como destacaremos a seguir.

5 MANEIRAS DE AMAR NA IDADE MÉDIA E HELOÍSA COMO A “MULHER QUE MUITO AMA”

Antes de abordar sobre o amor de Heloísa e Abelardo, é imprescindível que busquemos entender quais tipos de amor se faziam existentes naquele contexto.

Sabemos que na cultura do medievo, o amor voltava-se a Deus, não era direcionado ao

homem e nem a mulher, podemos perceber isso quando Araújo (2011, p. 20), a partir da obra *De Diligendo Deo*, cita: “Tudo que nos compõe, ou melhor, a composição da nossa natureza depende de Deus, assim o dever da nossa alma é voltar-se de maneira amorosa para ele.”

No medievo, o amor que não se voltava a Deus era falho, visto pelos clérigos como algo pecaminoso, o que mobiliza a Igreja a instituir o casamento como sacramento, como uma forma de controlar a sexualidade, com o objetivo de que houvesse a procriação da espécie.

Outra forma de expressão do amor analisada no período medieval é o amor cortês que surge no século XII, uma forma de amar oriunda da vida das cortes, um costume que provinha da elite cavaleiresca. Nessa maneira de amar, os homens exaltavam o seu amor pelas suas damas através de escritos, ou seja, poemas românticos. Podemos perceber isso quando Araújo (2011, p. 46) reflete que “[...] o amor cortês, cuja característica é atingir a dama inacessível, em que a conquista desta acaba por tornar o amante em um poeta que passa a compor poemas de amor para enaltecer a amada.”

Um ponto importante sobre o amor cortês é a forma que o homem se comportava perante a mulher amada, demonstrando fidelidade, amor, gentileza e geralmente tudo o que ocorria nesse romance era feito para que essa mulher não fosse descoberta, já que era um jogo romântico com uma mulher casada. No tocante ao homem, “Ele se submetia a mulher de maneira a prestar-lhe fidelidade total e as suas ações sempre eram comedidas para que a honra da sua senhora não fosse corrompida, já que era casada.” (ARAÚJO, 2011, p. 22).

Nesse sentido, essa forma de amar liga-se a uma maneira de infidelidade entre os casais, destacando assim as aventuras que ocorrem nesse amor, mas também as desgraças que podem surgir quando os maridos descobrem esses amantes. Assim, “O amor cortês não traz apenas alegrias, quando os amantes são descobertos começam as desgraças e a felicidade que outrora lhes pareciam doces tornam-se amargas como fel.” (ARAÚJO, 2011, p. 46).

Com base no que foi exposto, a narrativa do amor entre Heloísa e Abelardo está inserida, em parte, na dinâmica do amor cortês, um casal que vive um amor proibido, com a interferência da Igreja, onde os personagens se perpetuam em contextos distintos. Heloísa, uma jovem dama intelectual, e Abelardo um professor que, por devoção, fez votos de castidade, e que sofrerá um grande conflito diante da paixão por sua amada, sendo esta o símbolo de um amor que não deveria se consumir.

Figura 05: O encontro de Heloisa e Abelardo aparece no tempo de 22min e 34s.



Fonte: Canal no Youtube de Elizabeth Pereira.

A imagem acima se apresenta na metade do filme, nos mostrando a personagem Heloísa e o personagem Abelardo em seu encontro pela primeira vez na cidade de Paris, criando um clima de convergência que traz um impacto para os dois, fazendo dessa comunicação um meio de aproximação. No decorrer da obra fílmica, o amor dos dois se apresenta com intensidade, partindo do pressuposto da impossibilidade para uma possibilidade de ocorrer. Precipuamente, o professor Abelardo se instala na casa do cônego Fulbert, no convívio com Heloísa, e é notório o quanto eles vão se envolvendo. De acordo com Pena (2008, p. 25), “Heloisa tinha uns 16 ou 17 anos e Abelardo rondava os 40. Conheceram-se em casa do tio de Heloisa, um cônego parisiense de nome Fulberto.”

Araújo (2011, p. 43) em relação à Heloisa, reforça que “Heloisa não esperava que Abelardo retribuísse da mesma maneira o amor que ela sentia por ele, apenas o queria perto dela.” Percebemos, com isso, elementos que dialogam com a estética do amor cortês, que em grande medida parece se satisfazer tão somente com a presença inspiradora do objeto de afeição, sem necessariamente a realização deste.

Por outro lado, na narrativa fílmica, não se dá esta dimensão platônica ao amor de Heloísa. No filme, ela arde em paixão por Abelardo, isto é, uma mulher desejosa é apresentada ao público, que o seduz de diversas maneiras, com o intelecto e com a beleza física, utilizando-se inclusive de “magia” para se deixar mais atraente, para que seu corpo cheirasse a incenso como os templos que o atraíam. Esta visão da mulher sedutora, capaz de ardis para encantar o amado, também é muito recorrente nas imagens negativas criadas pelos discursos religiosos predominantes. Como diz Macedo (2002, p. 44): “Boa parte do arsenal antifeminino dos teólogos e moralistas baseavam-se na regra segundo a qual as mulheres levavam o homem à danação. (...) sensuais, representavam obstáculo à retidão do sexo masculino.” Neste caso, pesava ainda mais forte todo esse estigma sobre Heloísa, pois estava

desviando-se, nesta perspectiva, um homem devoto e casto.

Assim, o amor vivenciado pelo casal revela uma série de acontecimentos que não condizem com o que a sociedade medieval tem como primordial, à medida que Heloisa é uma jovem que se envolve com um homem sem ser a sua esposa e Abelardo, por outro lado, rompe com o seu voto de castidade; ambos os aspectos geram as suas consequências, no caso de Heloísa não permanece na residência do seu parente, tendo que ir embora, enquanto que Abelardo é castrado a mando do tio de Heloísa.

Figura 06: A descoberta de Heloisa aparece no tempo de 01h10min.

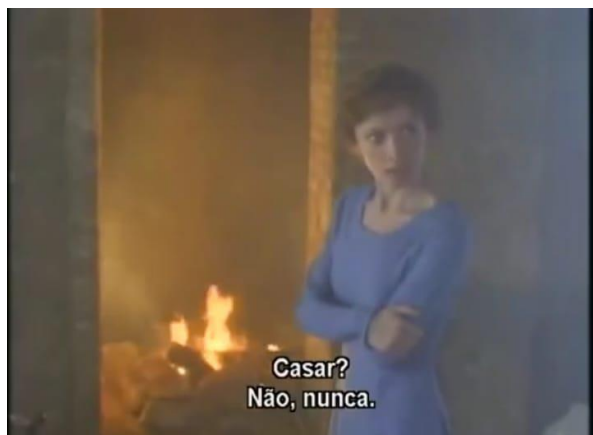


Fonte: Canal no Youtube de Elizabeth Pereira.

Na imagem acima, Heloísa descobre que está grávida de Abelardo. No contexto, ela demonstra que é uma notícia satisfatória, ter um filho do homem que ama, como se pouco importasse as dificuldades que teria em uma sociedade que a condenaria moralmente. A partir disso, ela conta a Abelardo e o mesmo a encaminha à casa da sua irmã, local em que o filho do casal nasce, sendo chamado de Astrolábio; tendo vivenciado a sua criação com a tia.

É interessante elencar, a partir de Mullet (2019), que Heloísa, sendo mulher no medievo, nos deixa pensativos a respeito da sua representatividade, sendo uma mulher pensante, que sofre por amor e que enfrenta os perigos de quem ama e é amada em um século onde as mulheres não são permitidas viverem à sua maneira, estando a mercê de outros, sejam eles pai ou marido.

Figura 07: O questionamento de Heloisa aparece no tempo de 01h18min.



Fonte: Canal no Youtube de Elizabeth Pereira.

Figura 08: A resposta de Abelardo aparece no tempo de 01h18min.



Fonte: Canal no Youtube de Elizabeth Pereira.

Antes de falarmos a respeito das cenas, é indispensável conhecermos a História *Calamitatum*, que se refere a uma obra elaborada no ano de 1132 d.C. por Abelardo, que ao escrever, tinha cinquenta e três anos, colocando em pauta sua vida, partindo do seu nascimento em Pallet, na França, sintetizando o seu romance com Heloísa, e, sobretudo, abordando as suas infelicidades e perseguições que enfrentou dos seu inimigos (ARAÚJO, 2011).

Nesse entendimento, aspectos desta narrativa de Abelardo se concentram nestas cenas. Na primeira imagem, Heloísa, ao ser pedida em casamento por Abelardo, nega casar-se com ele, pois para ela o casamento interferiria no elo de amor, o qual eles viviam, ou seja, a instituição matrimonial não possuía ideais afetivos, seus ideais eram distintos dos dispostos pela Igreja. De acordo com Pena (2008, p. 31), a “Heloisa da história *Calamitatum* proclama que o título de amante lhe seria mais caro que o de esposa e que quer conservar Abelardo exclusivamente por ternura e não preso pelo elo conjugal.”

Assim, o desejo de Heloísa era o de não se casar com Abelardo, no entanto, ele tenta persuadi-la e acaba conseguindo conceber o casamento, haja vista que é perceptível analisar, com isso, que esse amor também gera uma submissão e uma dependência de Heloísa para com Abelardo. Percebemos esse ponto quando Araújo (2011, p. 44) reflete que “O amor que Heloisa nutria por Abelardo era um amor ingênuo, destituído de valores, um tipo de amor que a tudo se submete.”

Na segunda imagem, a resposta de Abelardo é referente ao tio de Heloísa que a vê

como um objeto e, para que ela se livrasse dessa situação, Abelardo sugere o casamento.

Através disso, percebemos vestígios de um poderio masculino e patriarcal em torno de Heloísa, nesse sentido Lerner (2019, p. 297) analisa que,

Na família patriarcal, as responsabilidades e obrigações não são distribuídas de modo semelhante entre aqueles a serem protegidos: a subordinação dos meninos à dominação do pai é temporária; dura até que eles mesmos se tornem responsáveis por suas casas. A subordinação das meninas e das esposas dura a vida inteira. As filhas podem escapar de tal dominação/proteção de outro homem.

Com base no que foi abordado, o amor de Heloísa e Abelardo representado no filme, aproxima-se dos aspectos e enfrentamentos do século XII, e que, neste momento histórico, a Idade Média, é possível inferir como o casal de amantes viveu o seu amor e o quanto é marcante a representatividade dos dois; Heloísa demonstrando sua autenticidade na forma de amar, forte e autônoma em seu modo de pensar, mas acaba submetendo-se às crenças e planos de Abelardo, que representa o arraigamento dos medos em relação aos desvios do estabelecido pelas convenções e valores cristãos.

6 A RELIGIOSIDADE DAS MULHERES NO MEDIEVO E O “DESTINO” DE HELOISA

No medievo, como se sabe, era predominante a presença da Igreja Católica em todos os momentos desse período histórico, apresentando um imenso controle religioso e comportamental na sociedade medieval, sendo representada pelos clérigos: papas, bispos, monges, arcebispos, freiras, entre outros membros, originando-se assim, uma forte e hierarquizada estrutura clerical. Segundo Le Goff e Truong (2018), no cristianismo medieval era forte a presença de alguns princípios ideológicos tais como: castidade, abstinência sexual e a busca pela virgindade.

Na discussão referente à trajetória religiosa da personagem Heloísa, destacam-se três passagens: o seu deslocamento para a vida religiosa, a sua vida como freira e como se determinou o “destino” da mesma na religiosidade:

Figura 09: Pergunta de Heloisa aparece no tempo de 01h38min.



Fonte: Canal no Youtube de ElizabethPereira.

Figura 10: Resposta de Abelardo aparece no tempo de 01h38min.



Fonte: Canal no Youtube de ElizabethPereira.

As imagens acima, retratadas no filme, condizem à forma em que se deu o deslocamento de Heloísa à vida religiosa. Neste cerne, analisamos que o fato de tornar-se freira não foi uma escolha da personagem, mas de Abelardo, à medida que ela deixa de seguir o seu próprio desejo, tornando-se submissa desse homem, nos colocando a refletir que desde o início da narrativa filmíca, ela nunca gostou do ambiente clerical, ou seja, do convento, local onde ela nunca quis estar.

De acordo com a afirmação anterior, Araújo (2011, p. 44-45) nos apresenta, a respeito de Heloísa, que “[...] ela foi capaz de sobrepujar os seus desejos mais ardentes em favor de Abelardo. Por amor a ele e não a Deus, ela tomou hábito religioso e atendeu todas as vontades de Abelardo, sem poder resisti-las, perdendo a si mesma.” Essa visão é, inclusive, um eixo norteador do roteiro do filme, que se inicia com uma cena contundente em que Heloísa revela, no leito de morte, que ao beijar os pés do crucifixo, beijava em realidade a lembrança ali contida de seu grande amor, do tempo em que estiveram juntos, e chega a quebrar o crucifixo, numa simbólica cena em que deixaria explícita sua recusa pela vida religiosa.

A obediência de Heloísa à Abelardo também se deve a um fator importante. Antes dela entrar para o convento, era casada com Abelardo, o que faz disso um elo dentro do patriarcado, de modo que ela não tinha o tio para obedecer, mas tem o marido. Podemos analisar esse ponto quando DUBY (2013, p. 53) descreve que “Casada, Heloisa não mais se pertence. Ela se deu inteiramente. Não espera nada de volta, dedicando-se a satisfazer as “volúpias” ou “vontades” de seu senhor, não as suas.”

Percebemos, com isso, que Abelardo não era diferente dos demais homens do medievo, uma vez que ele demonstra, em seu ato de estipular à ida de Heloísa ao convento, como uma ordem, fazendo enfatizar a imagem de um homem regrado à valores patriarcais e, a respeito de Heloísa, notamos que por mais que ela transgrida esse patriarcado enraizado, em alguns momentos ela retorna ao mesmo.

Referente ao clero registra-se que muitas mulheres aristocráticas demonstraram sua fé religiosa desde as sociedades bárbaras. Situando o cristianismo nessa sociedade, podemos verificar esse fato quando Macedo (2002, p. 86) escreve que “A devoção religiosa das mulheres aristocráticas serviu de apoio indispensável à implantação e sedimentação do cristianismo nas sociedades bárbaras.”

Ao longo ainda da Alta Idade Média, o autor registra o grande número de mulheres santificadas e do crescimento dos conventos e movimentos religiosos destinados à elas. Não à toa, muitas destas são mulheres que, além da santidade, se destacaram pelas suas escritas, pelo desenvolvimento de um estudo de caráter teológico; embora na época não fosse assim considerado, a exemplo de Hildegarda de Bigen (século XI) e Teresa D’Ávila (século XVI), Isto porque os conventos e abadias acabam sendo, por excelência, espaços onde elas podem estudar e se dedicar à atividades mais longe do alcance das leigas.

Figura 11: Heloisa tornando-se freira aparece no tempo de 01h41min.



Fonte: Canal no Youtube de Elizabeth Pereira.

A imagem acima demonstra o momento em que Heloísa se torna freira, remetendo a sua nova vida que, a partir daí, será no convento de Argenteuil, juntamente às demais freiras dessa localidade clerical. A partir disso, Heloísa, mesmo sem crença nos princípios estipulados pela igreja, muda a sua vida, ficando completamente submissa e a serviço de Cristo, tornando-se uma mulher filósofa (DUBY, 2013).

Neste cerne, esta percepção é bastante explorada na narrativa fílmica, que demarca bem, como já dito, que a vida religiosa de Heloísa é, também, fruto da expressão do seu amor por Abelardo.

Em torno disso, sabe-se que a vida de Heloísa teve uma grande mudança, em que

Abelardo a abandona à mercê de um destino que ela não desejava, fazendo com que pensemos que relativo a ele, a sociedade medieval o aceitou novamente na instituição religiosa, onde o mesmo tornou-se monge, tornando isso uma situação desigual, demonstrando mais uma vez que o patriarcalismo existe na Idade Média.

Duby (2013) enfatiza, a respeito do cenário de Heloisa e Abelardo, que “Até o presente, ele a abandonou a ela e ao pequeno grupo de mulheres a qual é a pastora no Paráclito. Isso porque ele sempre pensou apenas em seu prazer.” (p. 44). Observamos com isso, que o lugar que um ocupava na vida do outro era diferente, porque subjetivavam de forma diferente o que era o amor.

Figura 12: A visita do clérigo Suger ao convento aparece no tempo de 01h42min.



Fonte: Canal no Youtube de Elizabeth Pereira.

A cena acima remete ao momento em que Heloísa recebe a visita do clérigo Suger, que tem como propósito, destruir o convento que ela vive junto às outras freiras para contruir um novo convento em outra localidade. No entanto, Heloísa questiona o seu destino e das outras religiosas, mas não há nenhuma resposta que as ajude.

Por conseguinte, o convento é destruído e Heloísa, sob o encargo do covento, conduz um grupo de monjas dispersas até *Champagne*, a um eremitério que Abelardo fundara sob a vocação do Paráclito, do Espírito Santo consolador (DUBY, 2013).

Essas características apontadas nos fazem observar que Heloísa foi uma mulher que em todos os lugares que viveu, demonstrou a sua representatividade, o quanto ela anseava por mudanças para as coisas que encontrava nas suas vivências, ou seja, aquelas que ela achava inaceitáveis estarem ocorrendo.

A narrativa fílmica, aproximando-se da histórica, nos faz entender que a vida de

Heloísa, a partir do momento em que se tornou freira, foi toda no convento, permanecendo lá até os seus últimos dias de vida, remetendo a ideia de uma vida em que ela está sempre à espera da possibilidade de reencontrar Abelardo, cuminando com a cena do sepulcro, um ao lado do outro, com a ideia de um amor não plenamente vivido, mas eternizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Idade Média, o patriarcado se apresentava fortemente, fazendo disso um meio de oprimir as mulheres, colocando-as no estado de inferioridade em relação aos homens. Acerca da subordinação feminina, é evidenciado um fator que passa de pai para marido, limitando essas mulheres. Observa-se, a partir disso, que a Igreja no medievo teve grande influência nessa perpetuação, instituindo normas, a saber: as mulheres terem que conservar a sua virgindade até o casamento.

No entanto, o patriarcado não é um assunto apenas do período Medieval, o mesmo se perpetua em diversos momentos históricos, tornando-se cada vez mais um fator que limita as mulheres em suas dadas épocas.

Com base nisso, esta pesquisa procurou identificar as aproximações entre os discursos históricos e fílmicos que constroem as imagens associadas à Heloísa. Na obra fílmica *Em nome de Deus (Stealing Heaven)*, a personagem Heloísa é abordada como uma das mulheres protagonistas e transgressoras dentro do contexto medieval, destacando-se sua ousadia, e explorando três faces ou ângulos principais de sua história: sua intelectualidade, seu amor por Abelardo e seu “destino” como religiosa, sintetizando aspectos que também são representativos da vivência das mulheres no medievo.

No tópico sobre a personagem analisada neste trabalho, acerca da representação da intelectualidade feminina no século XII, demonstramos o destaque de Heloísa e das mulheres no medievo como aquelas que são pensadoras, questionadoras e transgressoras, retratadas como resistência ao domínio cristão e o patriarcalismo. Na seção que situa as maneiras de amar na Idade Média e o amor de Heloísa e Abelardo, exploramos os elementos que conferem ao amor de Abelardo e Heloísa, tanto uma aura do que era o “amor cortês”, como o que não devia ser consumado, como do amor proibido e condenado pela Igreja por sua força passional e carnal. No ponto que chama a atenção para a religiosidade no medievo e o destino de Heloísa no clero, problematizamos como se deu o processo em que Heloísa torna-se freira, como foram os seus desafios no convento e a sua permanência nesse local até a sua morte.

Compreendemos que nesta relação do cinema com a história, buscamos apresentar à

contemporaneidade, sob outras lentes teóricas, uma imagem do feminino que mais francamente interessa: uma mulher intelectualizada, sensual, determinada, mas que por amor ao “homem de sua vida”, aceita um “destino” que não almejava. A tônica do amor romântico, como algo que acaba por prevalecer nas escolhas femininas, prevalece como um trunfo na narrativa feita ao final do século XX.

Esperamos, por fim, com este trabalho, que toca à história das mulheres e o conceito de patriarcado, contribuir no tocante à observância e a importância de conhecer e debater acerca de uma historiografia das mulheres, pensar suas representatividades e a importância de falar delas no campo do debate, como forma de refletir e desconstruir a dominação masculina e as formas opressoras presentes nas relações patriarcais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Selma. **O amor na correspondência de Abelardo e Heloísa**. Campina Grande: UEPB, 2011.

BARROS, José D' Assunção. Cinema e história – as funções do cinema como agente, fonte e representação da história. **OpenEdition Journals**, [S.I.], v. 52, p. 127-159, 2007.

DEPLAGNE, Luciana Calado. A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre Idade Média. **Revista Signum**, [S.I.], v. 20, n. 2, p. 24-56. 2019.

DUBY, G. **As damas do século XII**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

DUBY, G. **O cavaleiro, a mulher e o padre**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

DUBY, G. **Idade Média, idade dos homens**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011. DUBY, G. **Heloísa, Isolda e outras damas do século XII**. [S.I.], [S.I.], 1995.

EM NOME DE DEUS-STEALING HEAVEN COMPLETO. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (122 min e 21s). Publicado pelo canal Elizabeth Pereira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F-5eb6i9KBY>. Acesso em: 16 mar. 2022.

LEITE, Márcia M. da S. B. Representações femininas na Idade Média: o olhar de Georges Duby. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 21, p. 37-50, jul./dez. 1999.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, N. **Uma história do corpo na Idade Média**. 7. ed.

Civilização Brasileira, 2018.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Beatriz dos Santos; FREITAS FILHO, M. M. A Idade Média no cinema: uma (re)visão do imaginário ocidental. **Revista ComparArte**, Rio de Janeiro, v. 01, n. 01, jan/jun, 2017.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERNOUD, Regine. **A mulher nos tempos das cruzadas**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1993.

PEREIRA, Nilton Mullet. Descolonizar a Idade Média: Heloísa não foi uma mu-lher “à frente de seu tempo”. In: **Café História – história feita com cliques**. 7 jul. 2019. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/descolonizar-a-idade-media/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

RANGEL, Patrícia. A abadessa infiel e o cavaleiro apóstata. Belo Horizonte. *Revista de Estudos Hum(e)anos*. Número 0, 2010/01. p. 74- 95.

SAFFIOTI, H. I. B. **O Poder do Macho**. Espírito Santo: Moderna, 1987.

TROCH, Liev. Mística feminina na Idade Média historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. **Graphos – Revista da Pós-graduação em Letras**, [S.L.], v. 15, n.